MISSIONÁRIO ILUSTRE

(Apontamentos sôbre a vida de Fr. Carlos José de Spezia)

Hermógenes Martins

Também a prefeitura de Pernambuco teve, entre seus obreiros evangélicos, os que se distinguiram pelo zêlo e pela atividade apostólica. Infelizmente não possuimos senão fragmentos da história dêsses homens admiráveis e por isso não é possível reconstruir a galeria gloriosa em que deveriam ser colocados. Vamos lembrar uns apenas que nos deixaram algumas notas de seus trabalhos.

O primeiro que apresentamos é o P. Fr. Carlos José de Spezia, da província de Gênova. Foi um dos mais ilustres missionários do século XVIII, a ponto de ser apelidado, por algum tempo, de "Apóstolo de Pernambuco".

Frei Carlos ingressou na ordem a 19 de março de 1702. Era religioso de alta virtude, todo inflamado do amor de Jesus Crucificado, e do amor pelo próximo, razão por que optou pela vida missionária e isto nas mortíferas regiões de Angola.

Êle mesmo chama sua viagem de dolorosa e longa. "Parti a 11 de fevereiro de 1713 de Gênova para Marselha, aonde cheguei em cinco dias; após haver-me detido na França mais de dois meses, parti com outra nau para Barcelona, após muitas partidas iniciadas com a primeira nau e sempre obrigado a voltar para trás com evidente perigo de naufrágio. De Barcelona passei a Alicante e de lá a Malaga. Durante a viagem, por pouco não fiquei escravo dos Turcos. Chegado a Malaga, por não haver ali navios para Lisboa, empreendi a viagem por terra, caminho de Sevilha, aonde cheguei são e salvo a Lisboa. Nesta viagem padeci muito, mas tudo tolerava por amor de Deus..."

De Lisboa viajou para Angola, e chegou a Loanda a 2 de junho de 1715.

Foi destinado à missão de Bengo. Ali, após um mês, foi assaltado

por uma gravíssima febre, e foi levado a Loanda. O médico fêz-lhe 32 sangrias, e nas primeiras seis lhe tirou mais de doze libras de sangue (mais de cinco quilos)!

Estêve à morte e foi sacramentado. Em seguida, a febre degenerou em terrível disenteria. Tratou-o um médico irlandês que o pôs fora de perigo. O Superior mandou--o para o clima mais mitigado do Brasil. Seguiu logo para lá e chegou a Bahia, seriam começos de junho de 1716, após uma viagem de 38 dias.

Aqui trabalhou até 1725, ano em que, como prefeito, foi a Roma para tratar de negócios da missão da Bahia. Renunciou ao cargo; mas em 1729 a Propaganda, em vista da insistência do povo de Pernambuco, reenviou-o ao Brasil, como prefeito, em Pernambuco. Aqui trabalhou mais dez anos. Em 1740 voltou à Itália; mas a 22 de setembro de 1742 tornou a embarcar para o Brasil.

Como espécime de seus trabalhos apostólicos e também dos seus colegas, temos uma carta que o P. Carlos escreveu a seu irmão, P. João Batista, com data de Pernambuco, 8 de maio de 1746.

"A 6 de outubro de 1744 embarquei, em quinze dias cheguei, graças a Deus, ao pôrto chamado Camocim (Ceará). Chegado que fui ao Camocim, após três ou quatro dias de caminho por terra, dei princípio à missão em um lugar chamado Hiaçu, onde a concorrência foi muito e o fruto me pareceu copioso, pelas demonstrações que davam aquêles pobres penitentes.

Finda esta, cheguei, depois de seis dias de viagem através de matas e desertos, a um outro lugar chamado Pará; do Pará, com o meu companheiro, fui fazer missão num lugar chamado Serra da Ibiapaba, a uma aldeia de caboclos e tapuias, gente natural do Brasil; a aldeia era governada na parte espiritual e na econômica pelos Padres Jesuítas. Êstes, em número de três, fizeram-me instâncias para que pregasse uma missão; para secundar-lhe o pedido, lá me entretive doze dias.

Findo os quais, me provisionaram do farnel, que consistia em carne sêca e farinha, o que devia servir para as pessoas da comitiva, porque para nós, por ser tempo de quaresma, bastavam alguns ovos com farinha, mais dez dias de viagem e atingimos a Serra dos Côcos. Aqui experimentamos bem a fome, porque aquela pobre gente não tinha nem carne, nem farinha, e o seu sustento eram côcos selvagens, produto daquelas terras, pois distavam de suas casas quarenta e mais léguas, e não podiam ter ali senão côcos. Porém, se o corpo padecia, consolava-se o espírito em vendo o fervor que mostravam aquêles pobrezinhos; o tempo era escasso para poder ouvir as confissões gerais, atender às procissões de penitência e aos outros atos de mortificação, que nos causavam não pequena consolação. Da Serra dos Côcos descemos à planície, e após oito dias de penosa jor-

nada, chegamos ao lugar denominado Riacho. Ali encontrei uma grande multidão de gente, reunida havia tempo por ter corrido a notícia de que chegaríamos no tal dia para dar começo à missão, a qual me trouxe muita consolação pelo muito que, mercê de Deus, se obteve.

Terminada a missão no Riacho, passei para outra capela, de São José. Como, porém, esta distava da anterior apenas três dias de caminho e a maior parte do auditório era o mesmo que o antecedente, entretive-me lá só seis dias; depois, para contentar a todos, passei a outro lugar, distante do nosso só quatro dias de caminho, e, por isso, só dei ali uma missão de cinco dias.

Daqui nos encaminhamos para uma aldeia duma nação de Tapuias, (1) chamados Strambembé; o missionário dêles, um Sacerdote, com outros graúdos da redondeza, vieram para nos guiar e acompanhar. Êstes Tapuias são gente muito inepta e preguiçosa para o trabalho; vivem ordinàriamente da pesca. Fincam no mar uma árvore em forma de cruz; trepam na mesma, e postam os pés nos dois braços da cruz; seguram no braço direito uma corda de mais de sessenta palmos, terminada por um arpão; assim, de pé, naquele madeiro passam muitas horas, às vêzes mais de meio dia, à espera que venha algum peixe, o qual arpoam ao passar por êles; depois soltam tôda a corda, lançam-se ao mar e, a nado, o seguem, até que, esgotado de fôrças, o alcançam e o trazem à praia.

Da dita aldeia de Strambembé depois de cinco dias de caminho muito áspero, chegamos a Tairé; aqui também dei uma missão de apenas cinco dias; depois passei ao Chopé, onde, pelo grande concurso de povo, tive que dar uma missão para satisfazer as muitas instâncias dêle, ainda que não fôsse da minha vontade ali entreter-me, pela pequena distância que havia da vila principal. Se, porém, fui renitente no começo, esta minha resistência se me transformou em consolação, pelo grande fruto que nela colhemos.

Concluída esta, passei à vila do Ceará, capital desta Capitania; e o capitão, nobre português, fêz-nos ótima recepção e nos usou muita caridade.

Dali passei a outra vila, chamada Aquirás, onde os Jesuítas têm um hospício com oito ou dez religiosos, todos auxiliados pelo Rei de Portugal, para assistirem às Missões, ensinar à mocidade que lá acode e que não é muita, confessar e pregar. Êstes Padres, assim que chegamos, vieram nos visitar e nos fizeram grandes oferecimentos, que, restituída a visita, recusamos com humilde agradecimento.

Terminada a missão, que foi de minha grande consolação, partimos para o outro lugar, denominado Cascavel. Aqui, o trabalho foi excessivo, porque, não havendo Sacerdotes que ouvissem as confis-

(1) Tremembés é a aldeia de Almofala, à margem do Aracati-Mirim.

sões, e o povo sendo numerosíssimo, foi-me preciso arcar com o pêso de dia e de noite; mas para tudo Deus nos deu fôrça e ânimo.

Daqui, após oito dias de dolorosa viagem, porque pela grande sêca não se encontrava água para beber, chegamos a outro lugar, chamado Varacabi; de lá, com cinco dias de viagem, passamos à paróquia. O lugar da paróquia chama-se Rossa; finda a missão, fomos ao Banabuiú.

Estando em Banabuiú, vieram gente de Quixeramobim e de outro lugar para nos levarem às suas terras; como, porém, não podia ir aos dois lugares por distarem ambos muito, resolvi ir ao segundo lugar, isto é, a São João. Aqui um religioso de Santa Teresa me escreveu uma carta muito delicada, com pedido de eu ir missionar sua aldeia. Respondi-lhe que estava às suas ordens; e êle mandou tudo o que era necessário para a viagem e, antes que eu terminasse a missão em São João, veio em pessoa buscar-nos e levar-nos; viajamos uns oito ou dez dias e chegamos à sua aldeia. Lá nos hospedamos na casa dêle, e nos tratou todo o tempo com muita caridade e delicadeza. Finda a missão, preparou-nos o viático e nos deu o necessário para irmos à paróquia do Vassu, cujo pároco viera buscar-nos, e aonde chegamos com sete dias de viagem, através de lugares desertos. Aqui nos hospedamos, eu, meus companheiros e dois índios que viajavam conosco, numa casa adrede preparada para os missionários. Terminada a missão, passei a um lugar chamado Vacari; aqui, também, como em tôda a parte, recebi muitas finezas.

Retomamos o caminho para prosseguirmos nossa peregrinação, e após nove dias de dolorosa viagem — porque sempre entre montanhas, digo montes alpestres, ermos, entre rochedos, matas e fragas, sem alívio corporal, e, o que mais nos molestava, a grande penúria de água, pois esta era a nossa bebida ordinária, porque vinho só o tinha para a Santa Missa, e a água, ainda que estivéssemos muitíssimas léguas retirados do mar, era salobre, pelos grandes calores que fazia nestas alturas. Mas de tantos desastres nos livrou a misericórdia divina, e finalmente chegamos à aldeia do Mepibu (Rio Grande do Norte) onde assiste o P. João Crisóstomo, na qualidade de "Seu Reitor". Aqui, permanecemos quinze dias, para descançar a alma e o corpo, apesar que não se passasse bem acêrca do corpo, como havia suposto, porque o coitado do "Seu Reitor" foi surpreendido por uma erisipela numa perna que o fêz acamar, e eu sofria uma ferida no pé. Graças a Deus, porém, nos restabelecemos, e, passado o sobredito tempo, despedi-me, sem dar aí missão, ainda que houvesse muitos pedidos, porque não era ainda passado um mês que o Bispo havia missionado aquêle lugar.

Da aldeia Mepibu nos dirigimos para a aldeia dos Cariris, onde assiste o P. Antônio Maria de Modena, meu Prefeito, e depois de cin-

co dias de caminho sob a chuva, mais intensa no último dia, chegamos à aldeia; aqui tudo serenou pelos carinhos que nos dispensaram o P. Prefeito e Frei Bernardo de Mornese, que estava em companhia do Prefeito. Aqui fiz longa estada, pois me entretive mais de quarenta dias, com minha suma consolação.

Nesse lapso, pelas instâncias do P. Prefeito, dei uma missão, a que acudiu muitíssimo povo; depois expedi próprio a Pernambuco para ver se havia cartas.

Passado o dito tempo nesta aldeia, despedi-me do Prefeito com a bênção, abracei a Frei Bernardo e tomei o caminho rumo da cidade de Paragiba, onde estava o Bispo, para fazer-lhe uma visita, porque, desde minha vinda ao Brasil, não o tinha ainda visto nem lhe havia falado, senão por carta. À metade do caminho, por muitas instâncias, fui obrigado a fazer uma missão no lugar chamado Poixá; concluída esta, com sumo prazer, passei a Paragiba. Aqui recebi muitas honras, quer do Governador, quer do Bispo, porque o Governador, o qual é meu especial amigo desde o ano de 1723, vendo-me passar mandou logo avisar ao Bispo, e ambos vieram ao meu econtro, honra essa que para mim era mais uma confusão do que uma consolação, por ver a um pobre capuchinho rodeado de tais personagens: de tudo seja glória a Deus. Foram-se alguns dias só em retribuir visitas não só ao Bispo e ao Governador, mas também aos Regulares, os quais todos nos honraram com suas visitas; depois o Bispo me obrigou a pregar missão naquela mesma cidade, a qual se fêz e se terminou com grande fruto: de tudo se dê louvor a Nosso Senhor.

Terminada a missão na Paragiba, o Bispo, com prementes instâncias, até pedir-me pelo amor de Deus, solicitou-nos desse uma missão na vila de Goaiana. Desculpei-me, e pedi me dispensassa, porque não eram ainda passados três meses que lá missionara um religioso da Ordem Terceira do P. S. Francisco, e não me parecia conveniente, depois de tão pouco tempo, no mesmo lugar, dar nova missão; o Bispo, porém, não aceitou minhas razões, e mesmo depois que me havia despedido dêle mandou-me, ao deixar eu a cidade, uma carta muito amorosa, renovando a instância, e pedindo-me que, pelo serviço de Deus, fôsse dar missão onde me tinha pedido.

Confesso que não tive mais coragem de resistir ao Prelado, ainda mais que temia contrair a vontade de Nosso Senhor; porém, como o meu companheiro sentia-se doente e necessitava retirar-se ao hospício de Pernambuco, ainda que distasse 16 léguas da dita vila de Goaiana, para não deixá-lo ir sòzinho, quis acompanhá-lo até o Hospício, e depois voltei só à sobredita vila. A missão me custou bastante, porque, tendo perdido a voz, quis esforçá-la, mas Nosso Senhor, por sua misericórdia, me deu fôrça com que estive melhor no fim do que no comêço. Terminada a missão, passei a outra loca-

lidade, chamada Caricé, onde, por não haver muito povo, só me detive cinco dias e depois passei à vila de Igaraçu. Aqui, houve muita gente, porque, pregando ao ar aberto, como tenho feito quase sempre nas Missões passadas, preguei num largo todo repleto de ouvintes.

Dali passei à Ilha de Itamaracá, de onde, finda a pregação, me recolhi ao Hospício, havendo gasto, em todo êsse período, sòmente quinze meses.

Lá pelo mês de setembro, por ser tempo mais cômodo, pretendo partir a visitar as nossas missões, viagem em que me hei de entreter mais do que quinze meses, por estarem as missões muito longe dêste Hospício, e muito distante uma das outras.

O P. Fr. Carlos diz que foi substituído contra a vontade pelo P. Antônio Maria de Modena, na prefeitura, mas que já implorou de Roma sua demissão.

Numa carta de 15 de janeiro de 1749, endereçada a seu irmão, escreve, coisa interessante, que havia remetido a quantia de cem mil réis — que deviam equivaler a 600 liras genovesas — para serem celebradas quatrocentas e dezessete missas por alma de uma defunta.

Numa outra, de abril de 1749, explica ao irmão a dificuldade da expedição de cartas, que dependia das armadas, as quais não tinham têrmo fixo, zarpando em geral uma vez cada ano, e, às vêzes, nem isso. Na mesma data diz que, por estarem todos os seus irmãos doentes, devia ao mesmo tempo ser prefeito, sacristão, porteiro, refeitoreiro, cozinheiro e enfermeiro.

Descreve as festas triunfais que naquele tempo, digo ano, se fizeram no Recife pela canonização de São Fidélis de Sigmaringa e de São José de Lionissa, da Ordem dos Capuchinhos. Houve um tríduo solene: no primeiro dia pontificou o Abade de São Bento, orando um lente dos franciscanos; no segundo, foi celebrante o prior dos Carmelitas e orador um franciscano; no terceiro, celebrou um Jesuíta e orou o Reitor dos Jesuítas. Houve procissão: precederam o estandarte e o andor do Salvador; vinha em seguida os irmãos terceiros franciscanos juntamente com os do Carmo; após êstes, um carro triunfal com São Fidélis, outro com São José, um terceiro com e P. S. Francisco e, por último, o de Nossa Senhora da Penha. Após os carros, o clero numeroso. Fechava o préstito uma multidão incalculável de fiéis, vindos até de muito longe, para assistirem à procissão, que foi saudada pelas artilharias de tôdas as fortalezas.

"Este Governador, continua o P. Carlos, que é das principais famílias de Portugal e verdadeiro devoto, pediu-me desse uma missão nesta cidade de Pernambuco; assim esta é a terceira vez. Custou-me bastante, porque as fôrças, não mais as de trinta anos atrás, assim mesmo a divina Providência dignou-se auxiliar-me com a sua divina graça, e houve uma concorrência extraordinária de povo, computada em mais de vinte mil pessaos..."

Como fôra escolhido pelo Governador para seu confessor, o P. Carlos não podia sair a visitar as missões; "ora, porém, que o mesmo vai governar as minas de ouro, e dos diamantes, (queria levar-me junto, mais eu me desculpei de não ir) fico livre, e com ajuda de Deus farei o que não pude fazer no passado..."

Na manhã do dia 4 de março de 1752, o P. Fr. Carlos, após a missa, acusou um mal-estar que foi se acentuando durante o dia; assim mesmo, à tarde, tentou pregar ao povo, mas desmaiou. A moléstia acelerou a marcha; a 6 do mesmo mês, recebeu com uma devoção de santo o Viático e a extrema unção. No dia 11, às 4 horas, pronunciando as palavras: "Nas tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas em um só Deus" — expirou, os braços cruzados sôbre o peito.

Seu cadáver foi levado à igreja e guardado pelos soldados para impedir-se ao povo que retalhassem seu hábito e lhe arrancassem os fios da barba, quais relíquias. Os religiosos de São Francisco cantaram o ofício dos mortos e os do Carmo, a missa fúnebre. Foi preciso fechar as portas do templo para poder sepultá-lo, tal a devoção que lhe consagrava o povo do Recife.

O P. Fr. Carlos Maria de Ferrara, na relação que deu da morte do P. Carlos José de Spezia, diz que tinha 69 anos, 50 de religião e quase 40 de missionário em várias partes, especialmente em Pernambuco, onde viveu com tamanha exemplaridade e zêlo pelas almas, que, até nos últimos dias de sua existência, quis pregar, isto é, no dia 4 de março, quando, já febricitante, respondendo protestos amigáveis, disse: "Desejo morrer pregando", e assim foi, porque subiu ao púlpito, fêz o exórdio e, ao começar a introdução, como lhe faltassem as fôrças, disse ao povo: "Deus não quer mais que eu vos pregue!" Do púlpito foi levado ao leito, onde o surpreendeu a morte dos justos.

Na ocasião da morte dêle, estavam no hospício o prefeito, P. Fr. Venâncio de Bagnacucoli e o P. Fr. Carlos Maria de Ferrara.

O P. Fr. Carlos José de Spezia foi um dos grandes missionários capuchinhos no Brasil (1).

---

(1) Veja: Zaverio — I Cappuccini Genoveis. Vol. I.

P. Fr. Fidelis M. de Primerio O. Fr. M. Cappuc. — Capuchinhos em Terras de Santa Cruz. — Ano 1940 — Páginas 174 a 182.

1716 — P. Fr. Carlos José de Spezia (Gênova) — Pernambuco; ao Congo em 1715; insigne operário da Vinha do Senhor; prefeito até 1733; segunda vez prefeito em 1745; renunciou em 1751; faleceu na Penha, a 11 de março de 1752, em fama de santidade.

Capuchinhos em Terra de Santa Cruz nos Séculos XVII, XVIII e XIX — Pág. 367).

MISSIONÁRIOS DA PENHA (Pernambuco)

No ano de 1780, temos o P. Fr. Francisco de Gradisca e o P. Fr. Vidal de Vascarolo. Fr. Vidal catequizou umas nações de índios que desde 1743 haviam abandonado o rio São Francisco e viviam cometendo roubos e violências.

Fr. Vidal chamou-os e formou com êles as aldeias "Gameleira" e "Jacaré", ambas com suas igrejas e com um povo assaz instruído na religião.

Em seguida foi para Cabrobró, onde pregou com grande ardor e fruto.

Ao P. Fr. Vidal sucedeu um irmão de hábito, o P. Fr. Ângelo Maurício de Niza, que o substitui em novembro de 1803, e tomou conta da aldeia como pároco dos índios (2). (Capuchinhos em Terra de Santa Cruz — Págs. 173-174).

---

(2) Vide: Rev. do Inst. Hist. Geog. Brasileiro, Vol. 46, pág. 103.

1780 — P. Fr. Vidal de Frascarolo (Prov. São José) — Pernambuco — 1796; missionou Fortaleza, Maranguape até a Serra dos Pereiros; em 1804 fundou a missão de Olho d'Água de Gameleira e a do Jacaré, Vendé, União e Chocó.

(Capuchinhos em Terra de Santa Cruz — Pág. 374).